

Aula 4

ORIGEM E EXPANSÃO DO IMPÉRIO ROMANO

META

Mostrar a origem e expansão territorial de Roma;
Apresentar as situações de substrato lingüístico, face ao latim vulgar.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
reconhecer a área geográfica original dos latinos na Península Itálica;
descrever o processo de conquista e expansão romana, na própria Península Itálica;
descrever o projeto expansionista de Roma na costa do Mediterrâneo até culminar com a
ocupação da Península Ibérica;
e determinar o processo de romanização na região peninsular e o papel da língua e da
cultura latina nesse contexto.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre a Península Ibérica pré-romana.

Antônio Ponciano Bezerra

INTRODUÇÃO

Caro aluno, a marcha triunfal de Roma (do Império Romano) é sem precedentes, tanto no mundo ocidental quanto em grande extensão do mundo oriental. A língua de Roma (o latim), em sua origem, um falar humilde de uma comunidade rural passa à língua soberba e oficial de um Império que ainda hoje se revela presente na maioria das línguas europeias, nomeadamente, nas línguas românicas ou neolatinas.

Para melhor vocês compreenderem esta marcha triunfal, convém lembrar que a fundação de Roma, tal como a própria criação do mundo, se acha envolta em lendas e mitos, todos cultivados ao longo de sua história, em suas mais dispersas colônias.

Os alunos de Letras Vernáculas (Português), como você que agora está lendo esta aula, entram em contato com textos clássicos provenientes da cultura greco-latina. Uma obra consagrada dessa cultura é a epopéia “**Eneida**”, do poeta épico latino Publius Virgilius Maro ou simplesmente Virgílio (70 a.C. – 19a.C.).

Nesta obra narrativa, os romanos descendem de ENÉIAS, herói de Tróia, cidade da Ásia Menor, que procurou impedir a expansão grega na Ásia. Mas a Grécia se une e a destruição de Tróia (por volta de 1400 a. C.) se torna inevitável.

A vitória sobre Tróia é símbolo da conquista da Ásia pelos gregos. Todos os poetas da época exaltaram as façanhas dos combatentes em poemas diversos que, mais tarde, influenciaram o grande épico grego Homero (século VIII a.C.), autor das epopéias clássicas “**Ilíada**” e “**Odisséia**”.

Ver glossário no final da Aula

Dessa guerra, escapou Enéias, protegido pela deusa Vênus (deusa do amor) e guiado por Júpiter (Zeus, na versão da mitologia romana). O herói grego, Enéias, chega à Península Itálica e funda a cidade de Lavínio. Mais adiante, o seu filho **Ascânio** criou Alba Longa. Coube, então, aos irmãos Rômulo e Remo, a fundação da cidade de Roma, às margens do Rio Tibre, na região do Lácio, em 753 a.C.

ROMA ANTIGA

Aversão mitológica não é a única a descrever sobre a origem de Roma. Antes, porém, de continuarmos a aula, releia a introdução, pesquise nos livros de história geral, se precisar e, depois, responda a atividade proposta abaixo.



ATIVIDADES

Elabore uma pequena redação, falando da Península Itálica, na fase em que predominam lendas e mitos explicativos das origens de Roma e do povo romano.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Caro aluno, você deverá lembrar que a lenda de Rômulo e Remo foi difundida através da obra Eneida de Virgílio. Nela, conta-se que os irmãos foram alimentados por uma loba, antes de serem encontrados pelo casal de pastores – Fáustolo e Ace Laurência– que os criaram. Quando eles cresceram, devolveram o trono de Alba Longa a Numitor (o “pai biológico” dos dois), destituindo Amúlio, irmão de Numitor e, conseqüentemente, tio deles. Rômulo, mais tarde, mata Remo e se torna, finalmente, rei de Roma.

A versão histórica indica que Roma nasceu de um pequeno povoado de camponeses e pastores que habitavam a Itália (Península Itálica), no século VIII a.C., mais especificamente, na região fértil do **Lácio**, centro da península, recebendo influências de diversos povos que ocupavam a região como os **etruscos**, os **sabinos**, os **samnitas**, os **latinos** e muitos outros.

Todos esses povos conheciam, certamente, o destino glorioso de seus ancestrais. No entanto, é a partir do solo romano que surge um povo dominador que constrói um Império (Romano) cujo período de glória se situa entre o século I a.C. e o século V d.C.

Para manter e consolidar sua dominação, o Império Romano desenvolveu um complexo aparelho estatal sempre presente em qualquer lugar de sua administração, no exército, nos poderes legislativo e judiciário. Esta organização servia para difundir, por todas as suas



Mapa do Lácio (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

colônias, um modo de ser e de viver que lhe era peculiar, pois não se tratava apenas de uma colonização pura e simples, mas do conhecido processo de romanização, a que se submetiam os povos vencidos.

Ver glossário no final da Aula

A **romanização** era uma exigência (ou violência) de integração, às vezes, cruel e injusta, a que todos os povos conquistados deveriam responder. Pouco a pouco, as populações vencidas tornavam-se romanas, isto é, cidadãos de Roma. Esta centralidade na cidade matriz do Império (Roma) lembra, ainda hoje, como se costuma dizer, quando as opções não são largas, que “todos os caminhos levam a Roma”, tal como se não houvesse outra saída.

Por motivos sociais e políticos, Roma precisava destruir Cartago, pois que era Cartago uma grande potência comercial, marítima e militar do Mediterrâneo. Assim, ela representava um sério obstáculo à política expansionista de Roma. Foi na Batalha de Zama, em 202 a.C., que os romanos destruíram o exército de Cartago. A paz foi árdua para os cartagineses que tiveram de entregar a Hispális (hoje, Sevilha) e a sua esquadra aos romanos, para além do compromisso de pagarem uma pesada indenização, em dinheiro, no prazo de 50 anos.

Na verdade, Roma chegou à Península Ibérica, a partir de 218 a.C., uma data histórica do desembarque de seu exército em território hispânico para conter a expansão de Cartago, sua eterna inimiga. Este fato histórico se situa no contexto da segunda **guerra púnica** (218-202 a. C.) e se revela um marco que dá início ao longo processo de **aculturação** dos povos peninsulares conhecido como romanização.



Guerras Púnicas (Fonte: [http:// www.nmm.ac.uk](http://www.nmm.ac.uk)).



Indique a causa que moveu os romanos para a conquista da Península Ibérica.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Ao pedir para ordenar, pressupõe-se que existam, no mínimo, duas causas. De acordo com o texto apresentado, porém, não se entrevêm causas, mas apenas uma.

A Península Ibérica foi anexada ao Império Romano que logo se viu dividida nas províncias Citerior e Ulterior. No entanto, celtiberos e lusitanos resistiram à dominação romana e deram início a uma guerra prolongada até 133 a.C., quando Numância, capital celtibera, foi destruída.

Senhores da Península Ibérica, os romanos consolidaram as suas duas províncias: Hispânia Citerior (Nordeste) e Hispânia Ulterior (Sudoeste). Esta, por sua vez, foi logo cedo subdividida em Lusitânia e Bética, e, ao Norte da Lusitânia, surge a Galaecia (Galiza, de hoje).

Antes de se avançar mais na história do domínio romano na Península Ibérica, convém realçar que a organização da sociedade romana se dividia em grandes grupos sociais:

- a) patrícios que representavam o povo romano primitivo;
- b) clientes que eram homens livres, quase sempre estrangeiros e pertencentes à plebe, mas associados aos patrícios por prestação de serviços e favores, troca de auxílios econômicos e proteção social;
- c) os plebeus que eram indivíduos não identificados como fazendo parte do povo romano original, por serem constituídos, basicamente, de uma população de migrantes provenientes das regiões conquistadas e integradas em atividades comerciais, manufatureiras e militares; por fim,
- d) a população de escravos constituída, sobretudo, por prisioneiros de guerra.

No âmbito desses grupos sociais, vale destacar as conquistas sociais alcançadas pelos plebeus, no decorrer do tempo. A princípio, não tinham direitos de cidadania. Ao tornarem-se cada vez mais numerosos dentro do Estado romano, os plebeus passaram a receber instrução militar, a possuir armamentos e, conseqüentemente, a representar uma força indispensável ao exército de Roma. Foi, portanto, a cultura lingüística desse segmento

social (plebeu), legionários, soldados, sobretudo, o veículo mais eficiente, mais dominante e mais decisivo em todo o processo de romanização.

Este quadro histórico nos conduz, agora, a um outro ponto de relevante significação lingüística para todas as colônias romanas, de um modo geral, e para a Península Ibérica, particularmente.

A língua latina (o latim) não fugia do princípio universal da **variação lingüística** entre as diversas camadas sociais que a utilizavam. O latim, como qualquer outra língua clássica ou da atualidade, apresentava modalidades, já mesmo em seu território de origem. À medida que se expandia e se fixava nos diversos domínios do Império Romano, essas variações se adensavam e se distanciavam das situações de origem.

Costumam-se considerar duas variedades principais do latim: o latim clássico, culto ou erudito e o latim popular ou vulgar, conforme o mosaico que constituía a camada social plebéia.

Ambas as variedades eram ramificações do latim arcaico falado em Roma antes do século II a. C. Como veremos mais adiante, durante a Idade Média, aparecem duas outras modalidades do latim: o baixo-latim, que era a língua da ciência medieval, e o latim bárbaro, que era uma espécie de mistura do latim com falares regionais ou locais, usado essencialmente em documentos forenses.

O exército romano integrava em suas fileiras um contingente humano, majoritariamente, da camada plebéia (os soldados), portanto, era exatamente a modalidade (variedade) denominada “latim vulgar” (*sermo vulgaris*), na sua riqueza expressiva, performativa, que era levada, transplantada, para as mais diversas e longínquas províncias e exposta aos mais inusitados contatos com línguas nativas de povos submetidos ao jugo do Império Romano.

Ver glossário no final da Aula



O lingüista Joaquim Mattoso Câmara Jr (Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br>).

A romanização do Península Ibérica não se deu de maneira uniforme, nem espacial (geográfica), nem cronologicamente. Várias são as causas apontadas pelo professor Joaquim Mattoso Câmara Jr. Para o domínio e consolidação lingüística, na România, como um todo, e na România Hispânica, em particular. A própria Lusitânia “... só se latinizou, francamente, muito depois da Bética e mesmo de grande parte da Província Tarraconense” (Câmara. 1975 – p. 24).

A cultura românica cumpriu, aos poucos, na Península, a sua missão histórica e se pautou nos limites da lei e do direito à cidadania. O Estado romano não representava apenas garantias para o indivíduo por ele tutelado, mas dele exigia abnegação, fidelidade, devoção.

Ao conquistar novos espaços, novos países, Roma impunha aos povos vencidos a ordem que a sua própria força representava, acabando com lutas tribais, migrações desordenadas de povos, contendidas entre cidades. Assim, a romanização da Península Ibérica acarretou uma transformação radical em todos os aspectos da vida local: cultura, costumes, segurança, religião, alimentação, proteção. Enfim, a civilização romana impôs a língua latina (o latim), trazida e veiculada por alguns colonos, funcionários do estado e, maciçamente, por legionários (soldados). Para a sua difusão e domínio não faltaram coações: o latim tornou-se idioma oficial garantido pela ação da escola, do serviço militar, pela superioridade cultural e pela conveniência de se empregar um instrumento expressivo comum a todo o Império Romano.

Apesar dessas exigências da romanização, as línguas autóctones, da Península não desapareceram repentinamente. Houve um período de **bil-
ingüismo**, mais ou menos longo e extenso, segundo os lugares e os estratos sociais. Os peninsulares vencidos serviam-se do latim, em suas relações com os romanos; pouco a pouco, os falares nativos se recolhiam à conversação familiar, até a completa latinização.

Ver glossário no final da Aula

A divisão administrativa da Península sofreu variações (como vamos constatar nos mapas indicados para consulta e estudo), ao longo da dominação romana. As primeiras províncias: Citerior e Ulterior se repartem, reforçamos, em Bética, Tarraconense e Lusitânia (27 a. C.), e, no tempo do imperador Caracala (188-217 d.C.) a Galaecia passa a constituir uma província à parte. Todas essas mudanças geográficas e políticas repercutiram no “modus vivendi” do povo peninsular, naturalmente com reflexos decisivos em seus hábitos lingüísticos.

Durante toda a Roma Imperial (século I a. C. ao século III d.C.), o latim vulgar (isto é, a base lingüística para a formação das línguas românicas, entre elas, o português) se manteve praticamente indivisa, em certo grau uniforme. No entanto, esta unidade fundamental não implicava a ausência de variações regionais. Sem dúvida que estas variações existiam, embora contidas, freadas, enquanto se mantinham também a coesão política do Império, a comunicação entre as diversas províncias, o influxo unificador da administração e o serviço militar.

A romanização da Península Ibérica teve, assim, início nos fins do século III a.C., tempo em que Ênio e Plauto começavam a elaborar literariamente o latim. Muitos estudiosos (romanistas) da evolução da língua latina, nas diversas colônias do Império Romano, atribuem ao latim hispânico um caráter arcaizante que se justifica pela própria índole do espanhol, muito apegado às tradições e pouco dado a expressões vulgares, plebéias. Como estas razões são de natureza psicológica, pouco seguras ao se referirem à época tão distante, outros fatores devem ter contribuído para que o latim hispânico apresentasse aspectos arcaizantes em relação ao da Gália (França) ou mesmo ao da Itália. Como aconteceu aqui, na América do Sul, com o português. Você vai observar mais à frente, ainda nesta disciplina, que, no Brasil sobreviveram **usos lingüísticos** do português europeu dos séculos XVI/XVII que, hoje, não mais existem lá. De igual modo, o latim hispânico conservou arcaísmos que tinham sido superados em Roma.

Em Terêncio (séc. II a.. C.), também contemporâneo das primeiras conquistas romanas na Península, vamos encontrar formas como “fabulari” e “percontari” (em latim) que deram, em espanhol “hablar” e “preguntar”, e, em português, “falar” e “perguntar”, respectivamente. Os exemplos se multiplicam durante todo o período áureo da literatura latina. Estas e outras particularidades legaram ao latim hispânico um certo aspecto arcaico, compensado pela originalidade e abundância de suas inovações, no trajeto de formação das línguas ibéricas.

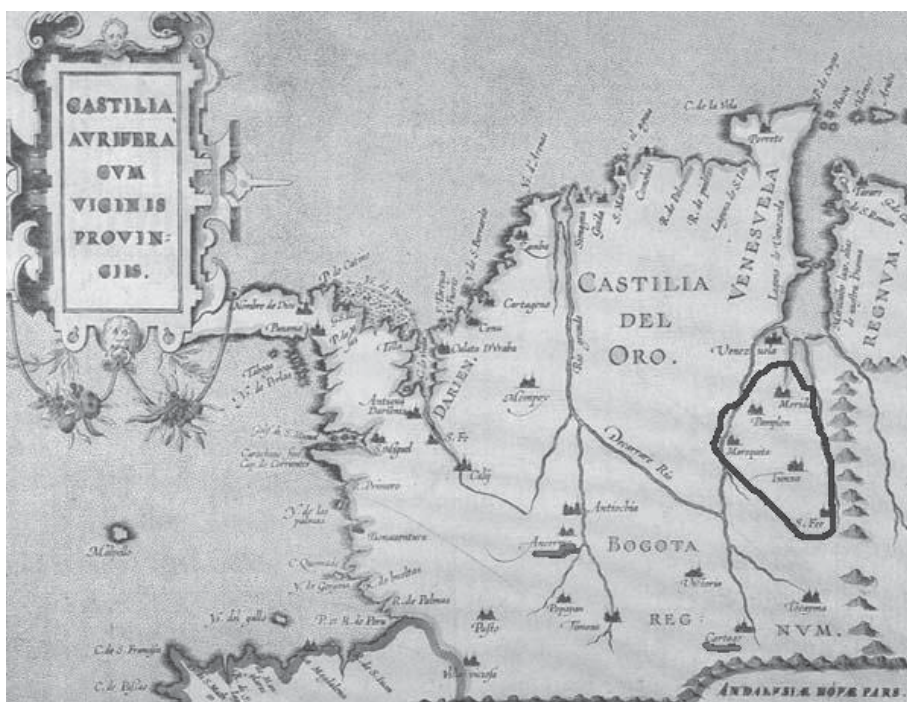


1. Como compreendeu ser a língua dos romanos? Caracterize bem a sua natureza quanto ao uso oral e escrito.
2. Redija um parágrafo, demonstrando o que concebeu como “romanização”.
3. Elabore três perguntas gerais, a partir do texto lido, que você mesmo gostaria de pesquisar as respostas, aprofundando o que foi abordado nesta aula.

CONCLUSÃO

Foi essa trajetória da história das conquistas romanas, portanto, que possibilitou o aparecimento das principais línguas hispânicas: o espanhol, o português, o galego e o catalão, após a ocupação da Península pelas legiões de Roma, quando baniram do território a presença de fenícios e cartagineses.

A romanização da Hispânia, para melhor domínio do Império, exigiu divisões administrativa e, nela, já se visualiza a região da Lusitânia e da Galaecia, bases geográficas e étnicas de onde surgiria a origem do reino português. A língua latina, indispensável instrumento de colonização romana, se instala na Península, sobretudo, na sua modalidade vulgar (*sermo vulgaris*) e é desta variedade que as línguas ibéricas procedem.



(Fonte: <http://historiadecolombia.nireblog.com>).



RESUMO

A expansão de Roma pelas costas do Mediterrâneo e por boa parte do continente europeu foi notavelmente rápida, eficiente e definitiva. O uso da língua latina (o latim) se difunde pelos territórios conquistados como veículo de cultura e de organização social romana.

A romanização na Península Ibérica não foge desse contexto histórico comum às demais regiões dominadas. Roma chega à Hispânia movida pelo afã de destruir a sua inimiga mais poderosa da época – Cartago. O processo

de aculturação dos povos peninsulares se estende por um longo período, tanto que a conquista total do território só se completa 200 anos depois.

Anexada ao Império Romano, a Península Ibérica é dividida em províncias: Hispânia Ulterior (Sudoeste) e Citerior (Nordeste). Mais adiante, a Hispânia Ulterior é dividida em Lusitânia e Bética, e, bem depois, ganha estatuto de província autônoma a região Noroeste, com o nome de Galiza (Galaecia).

Apesar de distante e periférica com relação a Roma, a Península Ibérica não perdeu contato com o centro do mundo que representava a sede do Império (Roma). Esta aproximação constante consolidou a integração da Península ao Império Romano, concretizada, certamente, pela adoção do direito romano (cidadania), da cultura (escola, educação militar, bens e serviços) e da língua dos romanos: o latim.



1. Nesta quarta aula de “História da língua portuguesa”, sou capaz de compreender o processo histórico vivenciado pelos romanos até a emergência das línguas ibéricas?

2. Teria (eu) agora condições de informar a alguém sobre origens e semelhanças entre palavras como: “rostrum” (latim) e “rosto” (português)? Qual a razão desta semelhança? Elabore uma resposta e pesquise outros exemplos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ivo. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

GLÓSSARIO

Eneida: Poema épico latino escrito por Virgílio no século I a. C. Conta a saga de Enéias, um troiano que, salvo dos gregos em Tróia, viaja errante pela região correspondente à atual Itália. Seu destino era ser ancestral de todos os romanos.

Odisseia: Poema de nostos (palavra grega que significa “regresso”, de onde deriva a palavra portuguesa “nostalgia”) em 24 cantos atribuído a Homero. O livro segue os eventos da viagem do rei Odisseu, de Ítaca, que voltava da guerra de Tróia.

Ascânio: Filho de Enéias e de Creusa, foi levado por seu pai à Itália, depois da tomada de Tróia; sucedeu-lhe como rei de Lavínio e fundou a cidade de Alba Longa. Foi tronco da família dos “Julius”, da qual César se ufanava de descender.

Romanização: As conquistas romanas levaram, como todos nós podemos imaginar, a língua latina (o latim), constituído o seu mais poderoso instrumento de colonização e civilização, para além das fronteiras da Península Itálica, como a Córsega, a Sardenha, a Gália (hoje a França), a Rétia (cantões da Suíça, da Áustria e da atual Itália), a Hispânia (Península Ibérica), a Britânia, a Panônia, a Germânia (Alemanha de hoje) e também para o norte da África, caracterizando o que se denominou România ocidental.

Guerra púnica: Trata-se de uma série de conflitos armados que, entre 264 a.C. e 146 a.C., colocaram Roma e Cartago frente a frente, em disputa pela hegemonia no Mediterrâneo.

Aculturação: Transformação de uma sociedade por contato com outra, da qual adota certos traços ou o conjunto de traços culturais e lingüísticos.

Romanização: Processo civilizatório resultante do domínio romano sobre populações autóctones vencidas.

Varição lingüística: Escrevemos de forma diversa daquela por que falamos. Numa carta familiar, o estilo fica bem próximo da linguagem falada; quando nos dirigimos a estranhos, para um público generalizado, a diferença entre o oral e o escrito se torna, evidentemente, mais acentuada: a escolha de expressões é mais cuidada, as frases procuram ser mais lógicas, o estilo formal domina a nossa escrita.

As locuções familiares, mais populares, espontâneas, informais, às vezes, abreviadas, afetivas ou sincopadas abundam na conversação cotidiana. Então, toda essa diferenciação entre o falar e o texto escrito já foi bem maior e muito mais cultivada e consciente na Antiguidade greco-latina do que no mundo atual.

Hoje até somos aspirantes a escrever o mais naturalmente possível.

Bilingüismo: Coexistência de dois sistemas lingüísticos diferentes (língua, dialeto, falar etc.) numa coletividade, usado alternativamente pelos falantes segundo exigências do meio em que vivem, ou de situações específicas, com igual fluência ou com proeminência de uma delas.

Usos lingüísticos: Para ilustrar esta situação, vejamos, então, alguns exemplos: no espanhol – “cueva”; no português e no catalão – “cova”, que remetem à forma latina “cova”, anterior à forma clássica – “cava”. No latim arcaico, existia um adjetivo relativo “cuius-a-um”, usado, inclusive, por Virgílio, mas caiu em desuso. Porém, é desse adjetivo que provêm as formas “cuyo-a”, em espanhol, e “cujo-a”, em português. As demais línguas românicas o desconhecem.